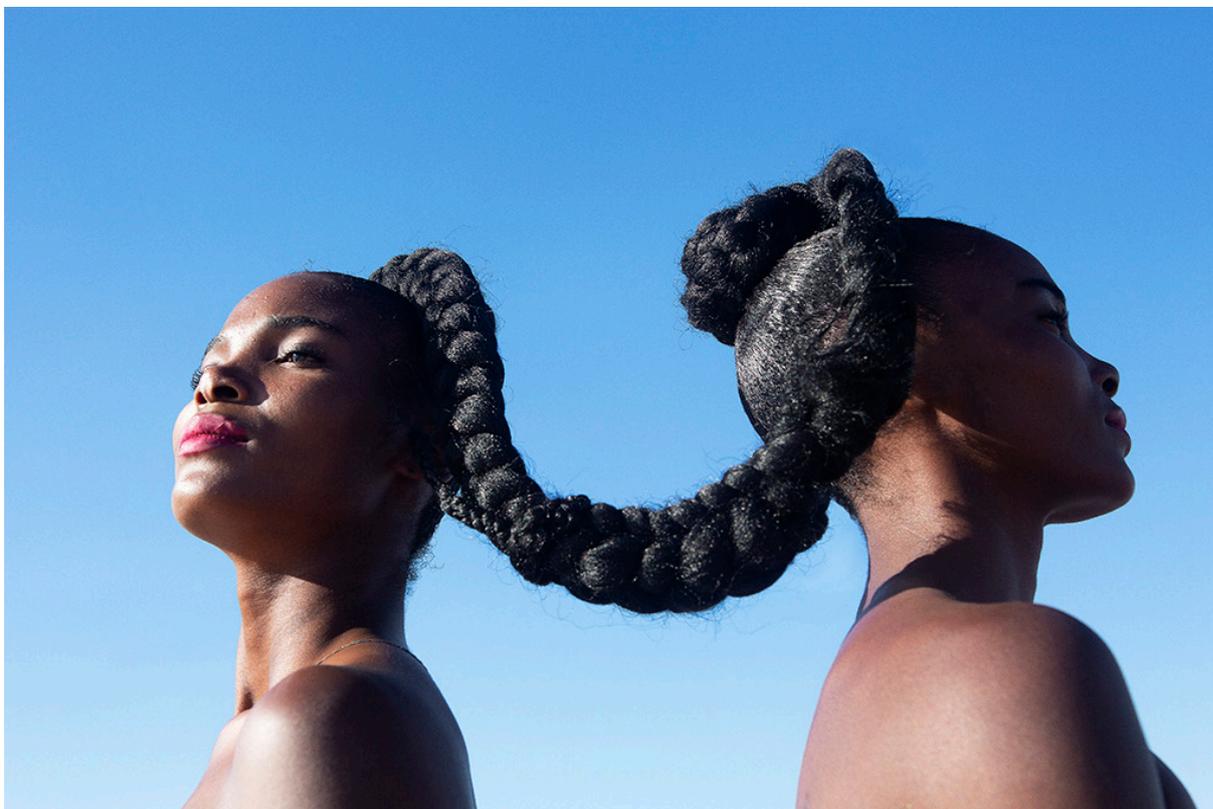




FILHOS DE IMPÉRIO E PÓS-MEMÓRIAS EUROPEIAS  
CHILDREN OF EMPIRES AND EUROPEAN POSTMEMORIES  
ENFANTS D'EMPIRES ET POSTMÉMOIRES EUROPÉENNES

Sábado, 8 de dezembro de 2018



*2 twist tomorrow is another day* | 2017 | Mónica de Miranda (cortesia da artista)

## A VÊNUS HOTENTOTE, O SEU PÚBLICO E A CIÊNCIA

Vasco Luís Curado

1

Em 2002, a África do Sul recuperou os restos mortais de Sarah Baartman, para lhe dar um funeral na sua terra natal. Durante mais de 150 anos, estes despojos, um esqueleto e alguns órgãos conservados em formol, não foram tratados como os restos de uma pessoa cujos direitos são defendidos por leis universais, mas sim como peças zoológicas de museu.

O que alterou o destino político de Sarah Baartman, entre 1815, data da sua morte, e 2002? Os impérios coloniais não conquistaram a sua supremacia só porque possuíam um armamento superior, fanatismo religioso e cobiça de lucro. Procuraram também o aval da Ciência, que era um braço intelectual do poder político que enformou o predomínio da civilização europeia sobre todos os continentes. Durante



séculos, as ciências gerais e, de modo mais evidente, as ciências naturais, mais não fizeram do que reafirmar os preconceitos da mentalidade vigente. De quem é o olhar que espreita por meus olhos?, pergunta o sempre inquietante Fernando Pessoa. Perguntamos nós: de quem era o olhar do biólogo que espreitava pela lente do seu microscópio? Julgando estudar as “raças”, o biólogo ajudava a validar formas de poder. O seu olhar era o do Marquês de Sá da Bandeira impulsionando a colonização do Sul de Angola; era o de Bismark anfitrião da Conferência de Berlim; o de Cecil Rhodes traçando a estrada do Cabo ao Cairo.

A mente humana não é objetiva, isso até as ciências que se diziam “duras” assumiram ainda antes do fim dos impérios coloniais. A Ciência muda, graças à seriedade do seu próprio labor, os sistemas políticos mudam, fruto do processo histórico, e ambos os domínios se influenciam e validam reciprocamente.

Sarah Baartman fora trazida da África Austral em 1810, do povo de pastores então conhecido como hotentote, para ser exibida numa feira de curiosidades e aberrações em Londres, sob o título A Vênus Hotentote. O qualificativo aberrante devia-se ao facto das ancas e nádegas de Sarah Baartman serem proeminentes (esteatopigia) e os pequenos lábios da vulva alongados (macroninfia). Hendrick Cezar, um africânder, o seu dono que tentava passar por seu sócio mostrava-a a um público pagante como se Sarah fosse uma selvagem aparentada com o orangotango ou o gorila e que ele tinha de aprisionar numa jaula, acorrentada, a toque de chicote. Alegadamente, ele afirmava, que dividiam os lucros. Um tribunal inglês tentou averiguar se Sarah era uma escrava de Cezar e este, indignado, perguntava porque é que o gigante polaco e os anões irlandeses da tenda ao lado da sua não eram alvo da mesma atenção judicial. Profissional da indústria do espetáculo, ele oferece ao público europeu o que este quer ver ou julga existir, uma selvagem africana, semi-humana, semi-animal.

Em Paris, um novo sócio engendra espetáculos cada vez mais lúbricos, explorando as fantasias sexuais de um novo público. Cuvier, o grande naturalista, examina o espécime, estuda as suas características morfológicas, estabelece um parentesco entre Sarah e os grandes primatas, vê-a mais próxima destes do que dos humanos. Sai reforçada a teoria da superioridade da raça caucasiana, que tem assim o direito (e o dever) de colonizar as raças inferiores.

Declinando no alcoolismo e na prostituição, também aqui joguete das fantasias de um público, Sarah volta, agora cadáver, ao laboratório de Cuvier, que lhe extrai os peculiaríssimos órgãos genitais e o



cérebro, juntando-lhes um molde em gesso do corpo, em tamanho natural, e o esqueleto. Fabrica estas representações científicas para ilustração do aluno de laboratório ou do visitante de museu.

Chamar-lhe Vénus era já uma das muitas distorções que o mundo do espetáculo e a ciência da época tinham aplicado a Sarah. E acrescentar hotentote mostrava também como o europeu via o resto da Humanidade em função de si próprio: aquela palavra é uma onomatopeia que designa uma espécie de gaguez, porque os nativos africanos assim designados pareceram, aos primeiros colonizadores, ser gagos; ou talvez seja a fixação de alguns sons comuns da sua língua, que soavam como “hot on tot”. Desde que a Europa fez por se desalojar da posição que tinha concedido a si própria, a de centro do mundo, chamamos khoikhoi ao grupo étnico de que Sarah Baartman fazia parte, porque este próprio assim se designa, e khoisan à sua língua, porque é esse o nome que os khoikhoi lhe dão. Já não são gagos, ou melhor, nunca o foram. Numa era pós-colonial, dizer khoikhoi implica começar a ver os elementos desta população como eles se veem a si próprios.

O Museu do Homem, em Paris, já não exhibia os despojos mortais de Sarah Baartman desde 1974 (e o molde em gesso desde 1976). Guardava-os numa cave. Quantos objetos estarão em caves e armazéns dos museus, recusados pelas novas leis e as novas ciências? A cave é o lugar do Inconsciente, do reprimido, do censurado, do que deve ser retirado das vistas do estimável público. Sarah Baartman, devolvida à sua terra, já não tem um público.

Deve haver ainda muitos esqueletos guardados em armários e caves de museus. Essas são outras e intrigantes coleções, as que já não são ou nunca foram vistas pelo público.

**Vasco Luís Curado** é escritor e psicólogo. O seu romance ‘O País Fantasma’ (Publicações Dom Quixote, 2015) retrata a sociedade colonial, a guerra e a independência de Angola.



# SIM, EUROPEUS E AFRODESCENDENTES

Mónica V. Silva

*Quand on parle de Noir, on pense «Africain».*

*Quand on dit «Européen» on pense «Blanc».*

(Rokhaya Diallo) (1)

Pela primeira vez, em 2018, o Parlamento Europeu dedicou uma semana ao conhecimento e reconhecimento das especificidades dos cerca dos 15 milhões de europeus afrodescendentes a viver na Europa (2). A primeira [People of African Descent Week](#) (PAD Week) teve uma organização conjunta de várias instituições da União Europeia (3) e contou com a participação de académicos, ativistas, artistas, jornalistas, entre outros, com o intuito de discutir questões fundamentais para os europeus afrodescendentes. Este acontecimento alinha-se com a [Década Internacional de Afrodescendentes](#) (2015 a 2024), proclamada pela ONU, e abre um novo caminho na discussão destas questões, quer dentro das instituições da União Europeia quer nos seus países constituintes.

Salvo exceções de pioneirismo, só nos últimos anos se começa a ouvir e ler o prefixo “afro” nos diferentes fóruns europeus, com uma conotação positiva: das artes à academia, do associativismo e ativismo aos média e às redes sociais, das associações locais comunitárias às políticas europeias. Serão estes alguns indicadores de uma Europa a tentar re-imaginar-se e a re-imaginar as suas memórias, o seu passado, numa perspetiva mais democrática? Há cerca de cinquenta anos, a ONU dava início a um programa determinado de conferências e ações contra o racismo, mas isso não impediu que durante mais de 20 anos evitasse reconhecer os afrodescendentes como vítimas contemporâneas da truculência da escravatura e do colonialismo ([Conferência de Durban](#)) (4).

Ao clarificar o que o conceito afrodescendente inclui e exclui percebe-se, em alguns discursos, uma amálgama e uma visão historicamente amorfa ou trancada no passado. Segundo Garcia (2015), e em sintonia com o definido na Conferência de Durban, afrodescendente é um coletivo de pessoas que



nasceram fora do continente africano ou que dele saíram, e que herdaram noutras geografias a opressão, a violência e a vulnerabilidade da ancestralidade histórica imposta por ideologias racialistas. Visto por este prisma, o conceito de afrodescendente comporta uma história familiar entrelaçada com as histórias coloniais. Ainda de acordo com este autor, a diáspora que resulta do movimento global dos impérios, e de onde emerge o conceito de afrodescendente, revela uma “similitude transfronteiriça”, “um núcleo comum”, o “sentimento de ter participado numa experiência política, económica e cultural idêntica, que transcende individualidades e gerações” (5). Esta aceção possibilita a passagem da heterogeneidade dos europeus de ascendência africana à categoria de afro-europeus enquanto sujeito histórico, enquanto sujeito coletivo. As singularidades incorporam-se em afro-lisboetas, afro-portugueses, afro-europeus, afrodescendentes. Veja-se então a afrodescendência como um coletivo heterogêneo, como uma identidade política e politicamente situada, que exige uma mudança epistemológica na leitura da história e das memórias dos países. Memórias que reconheçam a presença de África fora de África. Memórias que reconheçam a herança da escravatura e do colonialismo num sentido lato, que incluam a história geral das guerras anticoloniais, a história das resistências, o panafricanismo, a negritude, o afrofeminismo, entre tantos outros movimentos sociais, políticos e culturais, como parte constitutiva da Europa. E este reconhecimento é revelador do quanto a história europeia também se passou fora da Europa, no chamado ultramar/ oversea / outre-mer. É urgente a reescrita da história entre a Europa e a África pelas gerações contemporâneas de europeus.

Para estas novas gerações, como refere Amzat Boukari-Yabara (2018), já não se coloca a questão do retorno (6). Contudo, a afirmação de Rokhaya Diallo, em epígrafe, revela ainda a dificuldade da Europa em lidar com o seu passado. As ações de movimentos ativistas, a PAD Week, a Década Internacional de Afrodescendentes, entre outros movimentos e eventos, colocam atualmente estas questões nos grandes centros europeus, em espaços privilegiados, e que exigem à Europa a descolonização das suas fantasias coloniais, da fantasia da origem, da “outridade” (7), da pertença. Sim Europa, europeus e afrodescendentes.



- (1) Rokhaya Diallo é escritora, jornalista e ativista francesa e esteve presente na mesa redonda “Black Lives Europe” da People of African Descent Week.
- (2) Número apontado pela European Network Against Racism. A ENAR é uma rede europeia fundada em 1998 e que resulta da organização de diferentes movimentos associativos antirracistas de vários países europeus. É uma rede que dá voz aos movimentos antirracistas na Europa e que tem como missão pressionar e aconselhar os estados membros da União Europeia em relação às suas políticas no domínio da (des)igualdade racial. Esta organização tem o apoio do Rights, Equality and Citizenship Programme da União Europeia, da Open Society Foundations, da Joseph Rowntree Charitable Trust e da Sigrid Rausing Trust. Para mais informações: <https://www.enar-eu.org/>.
- (3) European Parliament Anti-Racism and Diversity Intergroup (ARDI), Transatlantic Minority Political Leadership Conference (TMPLC), Each One Teach One (EOTO), e European Network Against Racism (ENAR).
- (4) As duas primeiras Conferências Mundiais Contra o Racismo decorreram em Genebra, em 1978 e em 1983, e a terceira em Durban, em 2001. Nesta última conferência destaca-se também o pedido, à Comissão das Nações Unidas para os Direitos Humanos, de criação de um grupo de trabalho ou de outro mecanismo da ONU dedicado às questões da discriminação racial específicas dos afrodescendentes. Em 2002 é criado, pela Comissão citada, o [Grupo de Trabalho de Especialistas sobre Povos Afrodescendentes](#) (resolução 2002/68).
- (5) García, Alejandro Campos (2015), “Introducción”, in Silvia Valero, Alejandro Campos García, *Identidades políticas en tiempos de la afrodescendencia: auto-identificación, ancestralidad, visibilidad y derechos*. Buenos Aires: Ediciones Corregidor, 20.
- (6) Ver texto de Amzat Boukari-Yabara, “Contornos pan-africanos das memórias pós-coloniais”, no jornal *Memoirs* disponível em: [http://memoirs.ces.uc.pt/ficheiros/4\\_RESULTS\\_AND\\_IMPACT/4.3\\_NEWSLETTER/MEMOIRS\\_ENCARTÉ\\_web.pdf](http://memoirs.ces.uc.pt/ficheiros/4_RESULTS_AND_IMPACT/4.3_NEWSLETTER/MEMOIRS_ENCARTÉ_web.pdf).
- (7) Mata, Inocência (2006), “Estranhos em Permanência: A Negociação da Identidade Portuguesa na Pós-Colonialidade”, in Manuela Ribeiro Sanches, *Portugal não é um País Pequeno. Contar o “Império” na Pós-colonialidade*. Lisboa: Livros Cotovia: 293-294.

**Mónica V. Silva** é estudante de doutoramento no programa “Patrimónios de Influência Portuguesa” do Centro de Estudos Sociais e do Centro de Investigação Interdisciplinar, Universidade de Coimbra e bolsista de investigação no projeto *MEMOIRS, Filhos de Império e Pós-memórias Europeias* (ERC Consolidator Grant, nº 648624), a decorrer no Centro de Estudos Sociais, Universidade de Coimbra. É co-organizadora de *Papéis da Prisão: apontamentos, diário, correspondência (1962-1971)*, de José Luandino Vieira (com Margarida Calafate Ribeiro e Roberto Vecchi).

**MEMOIRS** é financiado pelo Conselho Europeu de Investigação (ERC) no âmbito do Programa-Quadro Comunitário de Investigação & Inovação Horizonte 2020 da União Europeia (n.º 648624) e está sediado no Centro de Estudos Sociais (CES) da Universidade de Coimbra.